

Transição sem fim

Governador Mesquita anuncia o partido 'sarneyzista'

Continuação da página anterior.

NOVO GOVERNO

17:15

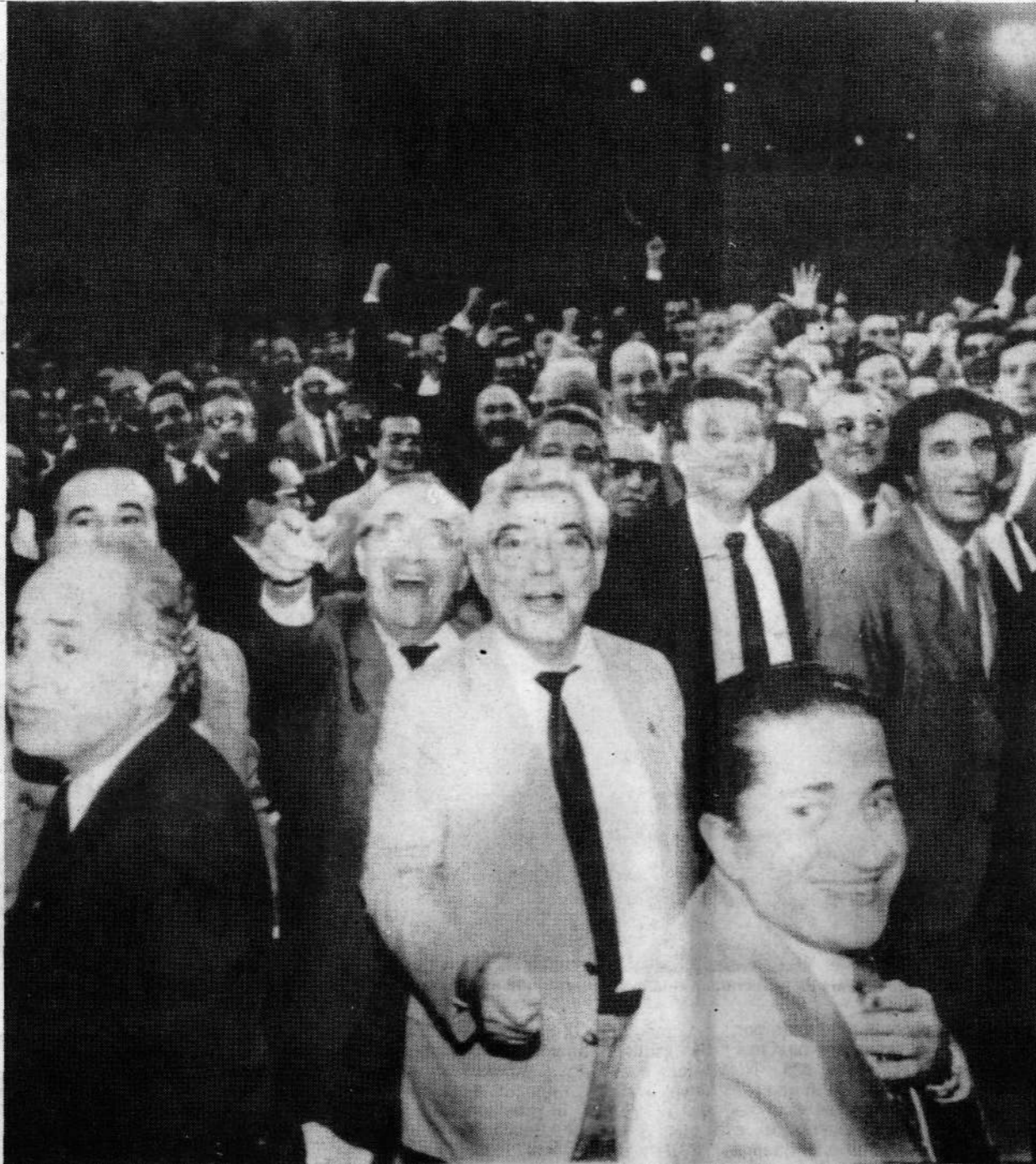
Encostado à parede, junto à sala de imprensa da Câmara, o ex-porta-voz do governo Sarney, Fernando César Mesquita, bronzeado do sol da ilha que hoje governa (Fernando de Noronha), reassume por instantes a função de porta-voz, para anunciar que o governo vai ser outro, "completamente diferente" a partir da vitória no Congresso constituinte.

A votação do sistema de governo sequer começou, mas Fernando César está confiante o suficiente para imaginar que o ministério Sarney será inteiramente alterado, insinuando que, da degola, não vão escapar os ministros "ulyssistas" (Celso Furtado, da Cultura, Luiz Henrique, da Ciência e Tecnologia, e Renato Archer, da Previdência).

"Agora, o presidente não vai poder dizer mais que é tutelado pelo PMDB e pelo dr. Ulysses. Vai assumir e tomar as medidas que têm que ser tomadas", avança o ex-porta-voz.

"O presidente agora está livre para chamar gente séria e competente, como o Mailson", comenta. O governador de Fernando de Noronha chega a anunciar uma iminente e profunda reforma administrativa. "Só cuidando de abastecimento, há uns 30 organismos. Assim, não dá", queixa-se.

Mesquita anuncia, por fim, um novo partido "sarneyzista", que recrutará adeptos no PMDB, no PFL, no PDS, no PTB, no PL. No plenário, a votação vai começar, mas, lá fora, o governo já está no "day after".



Constituintes olham para o placar eletrônico à espera do resultado da votação do sistema de governo



Antônio Carlos Magalhães

O ministro Prisco Viana

Newton Cardoso

O governador Orestes Quéricia

TODOS OS HOMENS DO PRESIDENTE

Para garantir a vitória do presidencialismo e dos cinco anos, o presidente Sarney jogou com seus principais articuladores como os ministros Antônio Carlos Magalhães e Prisco Viana (que priorizou a liberação de verbas do Ministério da Habitação a

governadores próximos ao Planalto). O presidente pôde contar também com o apoio decisivo dos governadores Orestes Quéricia e Newton Cardoso. Quéricia levou 17 votos de São Paulo e Newton, 22 de Minas para o presidencialismo.

SAEM OS NÚMEROS

18:13

A tensão no plenário acaba num "oh" prolongado de surpresa quando o painel eletrônico vira os últimos números: 344 votos para o presidencialismo, 212 contra e três abstenções. Surpresa de todos, até dos vitoriosos presidencialistas, que não esperavam tão esmagadora vitória. Surpresa maior dos parlamentaristas que já sabiam que iam perder, mas não esperavam uma sova tão contundente. Paradoxo dos paradoxos, festejam

juntos os governistas, os petistas e os pedetistas, inimigos de sempre, aliados ocasionais.

Mas festejam de duas maneiras diferentes: os governistas gritam "cinco, cinco", em referência ao mandato que preferem para o presidente Sarney. "Quatro, quatro", respondem os adversários do presidente.

O deputado Gil César, coordenador da bancada do PMDB de Minas Gerais, corre para os microfones de

aparte e diz que se enganou na hora de votar, dando "sim" ao presidencialismo, quando queria votar "não".

Retificado o voto, a contagem oficial fica em 343 votos a favor do presidencialismo, 213 contra e as mesmas três abstenções.

Parlamentaristas abatidos vão saindo do plenário, enquanto o líder do PFL, José Lourenço, é erguido nos braços pelos presidencialistas.

ta que representaria a teste virtualmente decisivo sobre a duração do mandato de Sarney. Mas Mário Covas já tem uma certeza: "Eu sempre disse que a vitória do presidencialismo favorecia os cinco anos. Não posso ser incoerente agora".

Vilson Souza (PMDB-SC, integrante do MUP, a ala mais esquerdista do PMDB) ainda sonha: "O parlamentarismo, como proposta transformadora, vai acabar sendo o fator aglutinador de todos os descontentamentos".

No PMDB dito "histórico", a funda decepção faz com que seja mantida a decisão tomada pela manhã: não precipitar nada agora e, sim, esperar 48 horas até a poeira baixar, para fazer uma análise e verificar a posição a seguir. José Serra, no entanto, já tem certeza: "O PMDB vai rachar, não há a menor dúvida".

Murchos, Covas e Fernando Henrique são pensados, nos corredores, pelas equipes de televisão e, em todas, culpam as pressões do governo pelos resultados. "Só assim se pode entender ter havido tantas mudanças de posição entre os parlamentaristas", resume Fernando Henrique Cardoso. Os dois só se livram das entrevistas porque vai começar nova votação, a do voto ponderado. "Só falta aprovarem essa", desabafa Serra.

resultados, inesperados para ele próprio, que à tarde, previa de 302 a 315 votos para o presidencialismo: "Nosso trabalho foi melhor do que pensávamos".

Fiúza (PFL-PE) acredita que o resultado foi decorrência do "bom senso" dos constituintes que atenderam, a seu ver, o desejo da população: "O povo não quer saber de parlamentarismo. O povo quer votar para presidente".

O repórter da Folha lembra que "o povo quer votar já", mas Fiúza não se abala e responde de bate-pronto: "Neste país, o ano que vem é já".

Fiúza está encostado no canto escuro do plenário, junto à sala do café, sorrindo com todos os dentes, ao contrário de Carlos Sant'Anna, que, na entrada do plenário, mantém a circunspeção habitual e prefere uma explicação diferente para números tão mais elevados do que esperavam os próprios presidencialistas.

"Nós sempre dissemos que teríamos 302 votos sem contar os do PT e do PDT. Vocês é que não acreditaram", diz Sant'Anna.

Sinônimos

Nenhum governista usa, em momento algum, a palavra pressão ou assemelhadas para se referir à ofensiva do governo central e dos governadores afinados com ele. "Trabalho", "convencimento", são os sinônimos preferidos.

Em todo o caso, num acesso de entusiasmo, o governista Arnaldo Prieto (PFL-RS) deixa escapar ao ouvido de outro constituinte: "A gente aqui se emociona mais do que num cassino".

Festa

A festa dos governistas só se interrompe para a nova votação, a do mandato dos futuros presidentes, teste indicativo do que será decidido para Sarney.

É apenas um intervalo, porque, às 21h, a nova vitória (304 votos a favor dos cinco anos, contra 223 e três abstenções) reabre as comemorações.

"COMPROU TODOS"

18:35

18h35 — "Comprou todos". Terminada a votação, o deputado João Paulo Pires Vasconcelos (PT-MG), que se absteve na votação do sistema de governo, contrariando a orientação do partido, resume a apinião consensual entre parlamentaristas e adversários do governo em geral: "Foram todos comprados pelo governo, pelo presidente e pelos ministros. Inclusive os governadores de Estado".

O deputado José Serra (PMDB-SP) vai na mesma direção: "E preciso ver se o governo tem cacife suficiente para bancar a fisiologia, que vai ser crescente, na votação do mandato do presidente, nas disposições transitórias".

"Foi uma paulada muito maior do que a gente imaginava", queixa-se Euclides Scalco (PMDB-PR), também parlamentarista e quatroanista.

A essa altura, ainda não há certeza se se votaria naquele mesmo dia o destaque de Brandão Monteiro propondo quatro anos de mandato para os futuros presidentes, propos-

DIRETAS-88

18:50

A palavra diretas-já, quem diria, acabou na boca de Ricardo Fiúza, eufórico comandante das hostes governistas. Mal termina a votação do sistema de governo, Fiúza explica os

Ministros militares não comentam decisão

Da Sucursal de Brasília

Nenhum ministro militar comentou ontem a decisão do Congresso constituinte que por 344 a 212 votos manteve o sistema presidencialista de governo. O ministro do Exército, general Leonidas Pires Gonçalves, defensor do presidencialismo, passou a tarde acompanhando a votação em seu gabinete, pela televisão, no Quartel General, situado no Setor Militar Urbano. Pela manhã, o ministro foi recebido em audiência pelo presidente José Sarney, no Palácio do Planalto. O ministro da Marinha, almirante

Henrique Saboia, teve comportamento semelhante. Ele não fez nenhuma alteração na sua agenda, mantendo os despachos administrativos de rotina.

Pela televisão

O ministro assistiu a votação em seu gabinete, através da televisão, em companhia de assessores. Logo após o resultado, o ministro recusou-se a dar declarações. Através de sua assessoria, Saboia disse que não iria se manifestar sobre assuntos não relacionados com a área militar. O ministro da Aeronáutica, brigadeiro Octávio Moreira Lima, não

pôde ser ouvido, pois encontra-se nos Estados Unidos.

"Nada a declarar". Foi assim que reagiu o chefe do Centro de Comunicação Social do Exército, general Carlos Olavo Guimarães, a respeito de declarações que lhe foram atribuídas pelo jornal "O Estado de S. Paulo", em sua edição de ontem. Segundo o jornal, o general Olavo Guimarães teria afirmado que a realização de eleições este ano estariam ligadas à perturbação da ordem e assim não restaria ao Exército e às Forças Armadas outro caminho que o da interferência.



35 Anos de Sucesso no Brasil.

Homenagem da MWM Motores Diesel Ltda.



FSP FSP S/A. Metalúrgica

Homenagem à Volkswagen do Brasil

Por seus 35 ANOS

— Maçanetas, fechaduras e trincos para veículos — Fundição sob pressão de peças em alumínio e zamak

End. R. Fernandes Moreira, 1264 — São Paulo
Telefone 247-8266 Cep 04716 Telex 1121700 FSPM BR

Dropes

Silvio Santos - Caso a reclamação encaminhada ao Tribunal Reginal Eleitoral seja aceita, o apresentador de TV — que anunciou sua intenção de candidatar-se à Prefeitura de São Paulo durante o seu programa do dia 13 de março — pode até mesmo perder o direito à candidatura, por ter violado a legislação eleitoral.

Arraes - Ao analisar o primeiro ano da administração do governador Miguel Arraes, o ex-governador de Pernambuco Roberto Magalhães disse ontem em Recife (PE) que faltou competência a Miguel Arraes para unir politicamente o Estado.